

A moral e a historia

Se a sciencia e a moral, como a historia, applicam a sua lei natural, não se podem confundir. A primeira não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau. O que se chama historia, porém, applica a sua lei natural ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau. Não se trata de sciencia, nem de moral, nem de historia, e sim de uma lei natural, que se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau.

O entusiasmo, porém, que se tem em relação a estas coisas, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau. O entusiasmo, porém, que se tem em relação a estas coisas, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau.

M. LUTZ, escreveu a historia de um homem, que elle considerava como um hero. O hero, porém, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau. O hero, porém, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau.

naturais que não se referiam a sciencias positivas, que accionam a humanidade, a qual elle, não suas lições. Muitas vezes, porém, não se fizeram sem violência e sem violencia. Se a moral e a historia, como a sciencia, applicam a sua lei natural ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau.

O hero, porém, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau. O hero, porém, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau.

A moral não e a historia. Por isso, a historia não e a moral. A moral, porém, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau. A moral, porém, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau.

O hero, porém, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau. O hero, porém, não se applica ao bem e ao mal, ao certo e ao errado, ao verdadeiro e ao falso, ao bom e ao mau.

Francia era a primeira das nações, que a realza franceza tinha superioridade sobre todas as realzaes, que Deus tinha por esta cora uma predileção toda particular e estava sempre occupado em protegela.

Hoje nos submissos que Deus protege igualmente todos os ritos, todos os imperios, todas as republicas, nos confiamos que a primeira das nações, que Deus tinha por esta cora uma predileção toda particular e estava sempre occupado em protegela.

Não se trata com respeito a um governo, fazendo-se notar que elle não pode satisfazer as necessidades contrarias que são do homem, nem para com uma religião, e zombando que ella não escapa ás formidaveis objecções que a ciencia ergue contra toda a creação sub-natural.

VINHO DE CHASSAING
 RE-DIGESTIVO
 Recetado ha 30 annos
 CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS URINARIAS
 Paris, Avenue Victoria n.º 6



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais sabroso e o mais reconhecido alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no período de crescimento Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
 PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 K NAS PHARMACIAS

PRISAO DE VENTRE
 Verdadeiro
Po Laxativo de Vichy
 do Dr. SOULIGOUX
 Laxante certo, agradável ao paladar, facilissimo de administrar.
 O endereço para o Vichy é: 12, rue de Valenciennes, 12, Paris.

NINNON DE LEGLOS

escarificia da ruga, que jamais nosa macular-lhe a epiderm, de passava dos 80 annos e conservava se joven e bella, tirando se sobre os peccados da sua certidão de baptismo que lançava a cara do Tempo, cuja face embutava se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o leuor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o verbo rubugento, como a raposa de Lafontaine dizia das ovas. Este segredo, que a celebre e egoista faceva jamais combata a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca descobrio-o o Dr. Leonie entre as folhas de um volume de *L'histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva do **PARFUMERIE NINNON**, Maison Legros, Rue du 4-Septembre, 35 à Paris.

Esta casa tem-na a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE KAU DE NINNON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVEI DE NINNON
 Po de arroz especial e refrigerante

Le Savon Creme de Ninon
 especial para o rosto que limpa perfeitamente e podermo mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINNON
 lue de alvura desmanchando a pecção e sos humores. Entre os productos conhecidos e apreciados do **PARFUMERIE NINNON** conta-se:

DE COULEUR ROUGE
 que faz voltar os cabellos brancos a cor natural e existi em 12 cores;

BRUN SOUCRELINE
 que augmenta, enriquece e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que da vivacidade ao olhar
LA PATE ET LA POUDRE MANOERMALE DE NINNON
 jara óndra, silvra brilhante das mãos, etc., etc.

Devem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS
MÃO DE PAPA de diuque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, asseta a epiderme, impede e destró as freiras e as rachas.
UM NARIZ PICADO de pequenas barbilhões ou com cravos torna a recuperar sua branura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Rolbois**, producto sem igual e muito contrafeito.
 CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella, encantar todos, olhos devesse servir a **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer o certos empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que fiquem brancos.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes esta agarrando, sobre-os e branqueie-os com o **Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

Perfumaria extrafina
L.T. PIVER
 PARIS
Corylopsis do Japão
 SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — ÓLEO
 LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMÉTICOS
 Evitar as Imitações e Falsificações
O Trêfle incarnat
 L. T. PIVER
 Perfume de Moda
Violettes de Parme
 SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ
 LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMÉTICOS
Leite de Iris L. T. Piver
 PARA A JUVENIDADE e BELLEZA do ROSTO
 A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o toucador
Dentifricios Mao-Tcha
 PÓ — PASTA e ELIXIR

Espartilhos de M^{es} de VERTUS Sœurs
 Forma modificada para as Modas de Paris, 1895
 Sobre tudo evitar as Contrefacções
 Exigir a medalha de garantia.

HOUBIGANT
 PERFUMISTA
 da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
 PARIS
AGUA HOUBIGANT
 PARA O TOUCADOR
 AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
 AGUA de COLONIA Imperial Russe.
 EXTRACTOS PARA .ENCOS : Violette Idéale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moscati, Iris blanc, Le Parfum Indes, Melk, Muguet, Gilet Rose, Imperial Russe, Iris blanc, Houbigant blanc, Fougere Royale, Glacé, Justin d'Espagne, Cam de Russie, Girofle, Corydalis, Bontou d'Or, Sunrise, Baoué.
 SABONETES : Opélia, Peau d'Espagne, Violette idéale, Fougere Royale, Lait de Thiriac, Royal Houbigant.
 PÓS OPHELIA, Talisman de Bellova.
 PÓS PEAU D'ESPAGNE.
 LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
 PÓS ROYAL HOUBIGANT.
PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Respondendo a certas exigências fortias e não a certas culpas, os governos cahem pelas mesmas causas que os fanatizam e que fizeram sua força. Respondendo ás inspirações do coração a custa das reclamações da razão, as religiões esbarram-se successivamente, porque nenhuma foiça ate hoje conseguiu abafar a razão.

Desgraça tambem para a razão, no dia em que ella abalasse a religião! Nossa planeta, creole-me, trabalha em alguma obra profunda. Não vos pummeis temerariamente sobre a multitudine de tal ou tal de suas partes: não deveis dizer que e preciso supprimir esta toda que não faz senão contrariar o jogo das outras. A natureza que deu ao animal um instincto infallivel, nada faz na humanidade de enganador. Por seus órgãos podeis osadamente concluir os seus destinos. *Et Deus in nobis*. Falsas quando tentam provar o infinito, determinam-o, encasual-o, se assim posso me exprimir, as realidades são verdadeiras, quando o affirmam. Os mais geracos certos que elles põem nesta affirmação nada são comparados ás verdades que proclamam. O intuito dos simples, contanto que pratique o culto do coração, e mais esclarecido sobre a realidade das coisas que o materialista que pe sa tudo explicar pelo acaso e pelo finito.

filhos desta utilidade e lhe pertencem estreitamente; mas a inspiração que os suscita e os anima e alguma coisa de diverso do instincto do carne e do sangue ou do genio ethico de sua raça. O contrario é tão grande que vai ate a contradicção.

A raça em Israel, como em Maal, entre os Philistens ou os Edomitas, teve seus interpretes e seus prophetas. Mas aquellas não foram os prophetas da consciencia. Elles honraram o povo; não o edificavam. Recolhece-se afinal que não passavam falsos prophetas.

Os outros, testemunhas do Deus Justo e Santo não levaram o antigo hebraismo a e sciencia de sua raça e religiosa senão por uma licia secular dil rosa contra a idolatria e a immoralidade hereditarias. Nos não estamos aqui em presença de uma evolução collectiva mas de uma reforma essencialmente individualista, de uma criação moral sem cessar interrompida e comprometida de uma obra de fé e de vontade.

Cada propheta entra na licia e solta seu grito de guerra ou de reforma, como se elle fosse só e individualmente responsavel diante de Deus que o envia e tollo, entretanto, se succedem e possuem no mesmo sentido o mesmo desigim, porque elles obedecem a uma inspiração identica. Elles liciam contra

Contudo a grandes criações de Deus nunca se encerram nos limites limitados e exclusivos que a imaginação dos homens. O prophetismo, tanto quanto phenomeno religioso e historico, não tem de excepcional. Não o encontramos somente em Israel, e, mesmo entre os hebraus elle teve sua historia e seus generos. Não é mais humilde que seus concetores, fôrde se na noite das origens religioas da humanidade.

M. Reuss compara com razão os ritos primitivos de Israel com os *chammas* das tribus nortugas. Erão simples adjuvatorios ou fettericos, como havia por toda a parte, que pareciam ter receitas magicas ou um dom particular para entrar em commercio com os seres superiores, exercitios dos doentes, descobrir as causas occultas ou perdidas, ler no futuro, conjurar a sorte, dizer a cada um sua lra ou má fortuna, provocar a chuva ou apaziguar as tempestades. Este caracter primitivo do prophetismo hebraico persiste atavez de toda a sua historia.

Na de Samuel nos vemos esse grande personagem que fazia e desfazia reis, dar conselhos mediante dinheiro para encetar seus perigos e outros generos de natureza semelhante.

Esta arte da adivinhção era em exposição, em alguma coisa de estudado e de aprendido. E' o encontro heretico em certas familias e em o objecto de um preparo especial nas confrarias ou escolas. Havia, com effeito, receitas sabias, meios technicos de entrar em inspiração, de combater o delirio divino, no extasis e de adquirir o dom de visão dupla. Sob a influencia de uma musica excitante e de danças desenfreadas, como se ve e se ouve ainda nos países musulmanos ou entre povos meio civilizados, o candidato a propheta tomava se em outro homem o que quer dizer que elle perdia a consciencia e a posse de si mesmo, e movimenta em que elle se agitava constantemente e emegava a declarar, era aquelle em que o espirito do deus entrava nelle. Entre elle prophetisava. Quando bandos de energumenos se entregavam a esses arrebatamentos, os espectadores os mais rebeldes malavam por seu o contago da loucura. Foi o que succedeu em um dia a Saul, homem alias de um espirito franco e violento.

Achando-se em presença de um grupo de discipulos e prophetas em exercitios, juntou-se a elles, despedaçando suas vestes, dançando e gritando, de sorte que o povo se admirava e dizia: «Saul tornou se um propheta?»

São phenomenos esses muito frequentes e demostro a cada um de nós para qe e nos comprehendamos os seus desvirtuamentos.

Tambem é preciso ter por mal os estudos os theologos que insistem antes de tudo sobre este estado de preparação drenta e imaginaria em que os prophetas de Israel não passam os dos outros povos e se distinguem por mais brillante excellencia no arte da adivinhção.

Em toda a antiguidade houve homens que se julgavam dotados de um poder sobrenatural de ler no futuro. A historia de todos os povos está cheia de predições, realidades em realidade ou que pareciam ter sido, quando mais triste se tornava ler os textos antigos mais os menos ambigues e claras precisos acontecimentos.

A liberdade de excessos de que se usava então tornava facil qualquer interpretação de oráculos divinos para os quaes não faltavam explicções. Todos os historiolores romanos não estão couve cidos que a grandeza de Roma na predição, desde o burgo, pelos auguros? Onde se poderia encontrar uma predição mais amplamente realisada? Prodigios e propheticos são o tecido constante dos annos de todas as religiões. Longe de se differenciar por este lado, os prophetas de Israel pareciam-se com todos os vates e com os sibyllas de outr ora, e se arlavam sujeitos as mesmas illusões de uma psychologia infantil.

A. SANTIÉR.

Elisabeth, Imperatriz da Austria

Tamanha como a abobada celeste e a dor do povo austriaco pela perda da sua soberania. A nova do cruel attentado produziu enorme pesar. A victima foi uma das senhoras mais nobres de todos os tempos, a sua juventude fora de belleza e a sua vida um seguimento de obras pias. Enxugou milhares de lagrimas, nenhuma siquer foi provocada por um acto seu. A ella, a mulhersublime, a sorte terrivel, fez beber o calice da maior dor, quando lhe trouxeram morto o seu filho querido, a esperança e o idolo de sua patria. Não succumbiu ella, porém, então; ao contrario, como um auto consolador, procurou consolar o seu esposo acbrunhado pela inmensa dor. Supportou com inunda resignação o martyrio de uma mãe.

Enorme foi, pois, a consolação causada pelo seu barbaço assassinado, pois Elisabeth era idolatrada pelo seu povo, desde o dia em que com noiva de 17 annos de idade fez a sua entrada triumphal na capital austriaca. Nasceu no pittoresco castello de Posenhofen no lago de Starnberg e ali passou os primeiros dias de sua infancia. Casou se a 21 de Abril de 1854 com o imperador da Austria e no anno de 1858 nasceu o seu filho o principe da coroa Rodolpho. A imperatriz era tida por todo o povo como anjo da guarda do imperio austriaco, sendo esta a unica influencia politica no reinado.

Como mãe amorosa, ella se dedicou com especial cuidado a educação de seus filhos. A sua filha predilecta Maria Valeria, tinha as mesmas predilecções e os mesmos sentimentos poeticos de sua mãe. Ultimamente vivia muito reclusa e só o mar immenso, com os seus encontros de luz e de coloridos a atrahia poderosamente. No hiate impetual *Myamar*, ella percorreu as margens do Ionio da Grecia, da Sicilia e da costa septentrional da Africa. Conhecia perfeitamente o grego moderno, mas tambem comprehendia perfeitamente a linguaem de Homero.

A *Elisabeth* lamenta sinceramente o seu passamento e escrevendo estas poucas linhas e dando nome a seu retrato remte homenagem aquella que em vida foi a protectora dos pobres e o idolo do seu povo.

O prophetismo

O milagre da historia de Israel e o prophetismo. Aqui se acha a força incomparavel sob cujo esforço se realisa a evolução religiosa que se pode acompanhar em seus annos.

E, ja que eu mais uma vez, acabo de pronunciar esta palavra evolução de que gostu de me servir, chegou a occasião de dizer como é que eu a entendo, e de afastar o sentido fatalista que muitas pessoas lhe dão. Se, por evolução se quer entender uma marcha das coisas necessaria e inconsciente, um movimento mechanico e continuo que faria sabir, sem esforço, nem perigo, a luz das trevas, o bem do mal, e impellir a um povo ou uma raça de uma forma inferior da vida, a uma forma superior, então não se evitar a exprobração de confundir as leis do mundo moral com as de ordem physica; ficaria ha condemnado a falsear a historia em geral e a nada comprehendar da de Israel em particular.

No progresso moral e religioso que faz a originalidade singular desta historia, não ha nada de facil, nada que se possa facilmente deduzir das predisposições naturaes da raça. Sem duvida os prophetas são os



ELISABETH

IMPERATRIZ DA AUSTRIA E Rainha da Hungria

todos: contra a multidão rotineira que não quer reminciar a seus habitos nem a seus preconceitos, contra os sacerdotes que, desde a origem e sempre, fazem do sacerdotio uma profissão e dos oráculos divinos uma mercadoria; contra as leis cuja politica vellosa ou desleal denunciam; como as exigências e os crimes; contra os grandes e os ricos que opprimem os pobres e roubam os pobres. Elles fallam em nome de Javeh, porque Javeh falla em sua consciencia e de ora em diante se identifica com elle.

Eis a origem do espirito prophetico: fermento verdadeiramente divino que se perpetuando, se depositando se fructificando de uma geração a outra, subleva pouco a pouco, transforma e transfigura a pesada massa do servilismo primitivo.

Não, não é aqui a obra do tempo e da natureza, a menos que não se veja Deus trabalhando no tempo, e que, sob a palavra natureza, ao lado das forças realisadas e manifestadas, não se comprehendam tambem as virtudes occultas e incommensuráveis que fermentam nella e fazem com que elle se ultrapasse a si mesma na vida superior da liberdade e do amor.

Na apparição dessas consciencias de prophetas, em energia de sua fé, na oscillação de suas palavras, ha a revelação positiva de um mundo novo, a revelação de um ideal religioso que, acedendo de se despojar, no Evangelho de Christo, de todo elemento nacional, tornou-se ha naturalmente a fé e a consolação da humanidade.

Mosaico

Um dos nossos amigos encontra hontem na Direita um homem pover e robusto que lhe pede esmola.

— Não tens vergonha de pedir assim; bem poderias trabalhar.

— Oh!, responde desearadamente o esfarrapado, e dinheiro que lhe peça e não conselhos.

Mistress Prince, vivna de dois maridos, tem o desejo de fazer a felicidade de um terceiro; quer um homem alto, bonito, bem feito, amavel e espirituoso.



QUEM AMA SE CONTRARIA

CHRONIQUETA

Rio, 12 de Dezembro de 1898.

Nesta vez o assumpto predominante da actualidade não foi produzido pela penina. O heros do momento foi um latido, o latido que penetra pela galeria do concerto ate os abscissas da pedestal do sr. João de Rezende, e cedeu a um alarido em offensa ao sr. João, subir a loja e commetter um crime consideravel de joias.

Que extranho e ingenuo, que assombroso paciencia, que admiravel coragem a desse maluco que surge na casa alheia como um diabo de magia, pelo algarido! Se tanto trabalho elle o tivesse tido para praticar uma boa accão salvar, por exemplo, um malvar injustamente privado da liberdade, esse homem tornaria-se celebre, e seu nome figuraria com muita honra nos annos do heroismo humano. Mas infelizmente o seu fim era a luctura, e eu faço votos para que a poesia consiga por-lhe os garfados em cima.

Realizaram-se tres espectaculos sympathicos: o primeiro, no theatro de Penna, um homagem em a Coelho Netto; o segundo, em theatro Varasolados, em comemoração do 50º anniversario do fallecimento de Martins Penna, o que ha comedia nacional; e terceiro, no theatro Lucinda na data do anniversario da morte do Vasques, e cujo producto e destinado a compra de um medalhão de bronze, com a effigie do nosso primeiro actor comico, para ser collocado no pedestal da estatua de João Caetano.

Do primeiro spectaculo não devo falar porque foi promovido pelo meu melhor amigo; do terceiro não posso, porque lá não estive; farei do segundo, em homenagem a Coelho Netto.

Conquanto não tivesse tido a concorrência que foz para desajar, a festa foi brilhante.

Olavo Bilac pronunciou, em scena aberta, um discurso notavel pelo fado e pela essencia, e a esse discurso respondeu Coelho Netto com um escripto appellido de filiterario, que provocou ruidosos applausos.

Muitas pessoas, a quem for os passados bilhetes para esse bello spectaculo, deixaram se ficar em casa, sem ao menor fazer com que outras pessoas aproveitassem os logares vastos. Ah! está uma grossura que n'outro qualquer paz que não fosse a terra das palmeiras onde canta ou antes, onde não canta o sabão, produziria terrivel effeito no espirito de um poeta. Felizmente, Coelho Netto concebeo o terreno em que pisa e sabe com quem vive; o facto não lhe traza sombra de amargura, e se temesse, elle abarria no trabalho o esquecimento e a commoção.

Além de *Trinca* e de *Arleão*, peças a respeito das quizes nada mais tenho que dizer figuravam no programma os *Luzes* e os *Estados*.

O *Rainha X* não tem a menor pretensão; é um lever de ridículo gracioso e risonho que serve para mostrar a maleabilidade do talento de Coelho Netto; mas as *Luzes* merecem toda a attenção.

Quem leu com algum cuidado o autor das *Tempestades* não ignora que a sua prosa, como a de Moliere, é muitas vezes formalia por versos livres, isto é, de variados metros e sem rima. A esse não surpreheendeu que elle escrevesse uma comedia em versos facios, fluentes, espontaneos, versos de quem está habituado a fazel-os. Quantas vezes, lendo a prosa de Coelho Netto, recordei mentalmente este curioso verso:

Même quand l'on eut marche, on eut écrit à des vers!

Além de ser escripta em bonitos versos, cujo unico defeito se não foi esta a sua maior virtude e ferir demasiado a corda lyrica, as *Estados* têm muita originalidade. E' delicadissima a idea de metter em scena o inverno, o outono, o estio e a primavera, representados, no mesmo lar, pela matrona que vive de recordações, pela donna que se sente feliz entre o passado e o futuro, pela dozeza que ama e pela criança que quer brincar.

A comedia foi bem interpretada, principalmente por D. Adelia Vieira no lucturo, que disse os versos como distincta poetiza, que o é.

Falleceu ha dias nesta capital D. Carmen Gasparini.

Herpanhola de origem e italiana pela sua educação artistica e pelo seu ensaenamento, D. Carmen foi cantora lyrica de certa nomeada e conquistou muitos applausos como soprano ligeiro.

Abandonou o theatro pelo professorado, e veio, ha muitos annos, em companhia de seu esposo, para esta capital, onde em pouco tempo adquiriu grande reputação como professora de canto. Deixou muitas discipulas, algumas das quaes, como a Exma. Sra. D. Maria Netto, são notaveis cantoras.

Renovo publicamente o abraço com que na egreja de S. Princesa de Paula, exprimi ao distincto amigo Alexandre Gama em os meus sentimentos pela morte de sua mãe.

*

Registre-se tambem nestas columnas a morte de Antonio Bento, o grande abolicionista de S. Paulo.

ELOY, O DIKOR.

THEATROS

12 de Dezembro de 1898

A nova companhia de zarzuela que está no Eden Lavrado e influir a outra que lá esteve; entretanto, não tem tido a mesma concorrência, ou por outra não tem tido nada. Todavia, o repertorio é novo, bem escolhido e variado. Vão lá entender estes caprichos do publico!

E' que o humilde não gosta que lhe sirvam sem pre o mesmo prato, embora bem temperado.

A companhia Dias Lima, que apronta para a proxima semana os *Amantes*, de Eduardo Victorino, deu um bello spectaculo, a 7 do corrente, para commemorar o 50º anniversario do fallecimento de Martins Penna.

No programma figuravam os *Amantes da alma*, do grande escriptor humense, e o *Badia*, do nosso collega Artur Azevedo, além de um intermedio em que figuravam os nossos melhores artistas.

A filha de Martins Penna assistia ao spectaculo.

Decididamente a empresa do Apollo precisa ser benzida, pois o capricho que lhe entrou em casa e tão incrível como o bulcão que penetrou, pelo chão, na palhetta do sr. Luiz de Rezende.

Acaba e ser, pouco mais ou menos a sorte da *Capote* um engraçado *amante*, os *Pou os de Valentin*, arranjado por Estanão do Garrido com aquella graça tão sua e tão theatral e menos mal representado. Já esses *Pou os* foram substituidos pelo *Saracot*.

No Recreo voltaram a scena a *Filha de Maria Anjo*, que deu apenas algumas representações, e o *Rio Ne* que está dando uma boa serie. Prepara-se activamente *Guruchê*, a revista de 1898, que será exhibida em janio.

O corpo scenico do Club Dramatico de Riachuelo, coadjuvado por alguns artistas, realizaram ante-hontem, no Lucinda, um spectaculo cujo producto e destinado ao abastecimento da estatua de João Caetano e a compra de um medalhão de bronze, com a effigie do fallecido actor Vasques, para ser collocado no pedestal da mesma estatua.

Era ante-hontem o 5º anniversario da morte do nosso primeiro actor comico.

Para o mesmo theatro Luctual, está organizada uma companhia de *quadrille* e *comedia*, na qual e empregado o tenor Eugenio Oyanguarin. Os trabalhos serão inaugurados com um *quadrille* arranjado por Acacio Antunes, a *Princesa de Imenes*, e uma revista em 1 acto, *Admirador*, escripta pelo mesmo canedigrapho em collaboração com o actor Pedro Augusto.

O tenor empregario não tomara parte nos spectaculos. Pudera! se a empresa e delle!

N. Y. Z.

NOVIDADES MUSICAES

Recebemos dos Srs. editores:

E. Revilacqua & C.

- Ejaltamento de G. Scambati.
- Quem Soubescrivi, valsa de L. M. Sando.
- Excelza, valsa de A. Cavaleanti.
- Viva, valsa de A. Cavaleanti.
- Sensitiva, valsa de A. Cavaleanti.
- Faustina, valsa de A. Cavaleanti.
- Miser, pie de quatro, valsa de A. Cavaleanti.
- Destinada, Schottisch de A. Cavaleanti.
- Sacchara, polka de A. Cavaleanti.
- Charabris, valsa de A. Cavaleanti.
- Flaminda, valsa hespanhola, de A. Cavaleanti.

Manoel Antonio Guimarães — Successor de Luciano & Guimarães.

- Tudo Notie, valsa de C. Rithui.
- Solidão, valsa de J. Ferreira Torres.
- Sentença, valsa de Ed. Velho da Silva.
- Melhor Amante, polka de Luiz Martins Garcia.

AS NOSSAS GRAVURAS

Quem ama se contraria

E' a uma verdade em toda a extensão da palavra o que surge deitulo a estas linhas e o que constitue o assumpto de nosso quadro. A leitura facilmente comprehende de que se trata para isso se as mulheres possuem um tacto espirital e nos filhos de mãe de uma delle costumam daqui a ver um fino sorriso de intelligencia.

O Bazar do Castello em Budapest

Vasto e opulento edificio e está que constitue uma das maravilhosas mais dignas de nota da pittoresca capital da Hungria. E' um thesouro o que encerra este lugar em obras de arte.

Castello de Luxemburgo

E' um dos mais antigos edificios da Franca. Em seus vastos e admiráveis salões passaram muitos reis e principes. O castello de Luxemburgo está intimamente ligado a historia franceza.

AVISO ás NOSSAS assignantes

As nossas gentilissimas assignantes cujas assignaturas terminam no presente numero, rogamos-lhes a fine mandal-a reformar sem demora, que já não o tenha feito para não haver interrupção na remessa dos numeros que vão sabindo.

Premio as nossas leitoras

Qualquer pessoa que se dirigir ao modo de este jornal ao Sr. J. B. A. Penn 115, Rua de B. receberá em tres dias a quantia de 1.000 rs. e estajo contendo um vidrão de DENTOL, a dentifricação tão na moda agora, uma escova de dentes, e um estivo de dentes.

E' um bounito presente que temos a satisfação de oferecer a nossas leitoras.

Pelo correio 25000.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'isto se dá demonstração e perfeição de trabalho, nisto adaptado e grande razão de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Fabricador

Dr. J. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1 andar

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER
NEUROSINE-XAROPÉ - NEUROSINE GRANULADA
NEUROSINE-CAPSULAS

Debilidade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas.

Deposito Geral: CHASSAING & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

BEBÉ JUMEAU
Diploma de Honra
UNICO BRINQUEDO FRANCEZ RECOMPENSADO

Belleza
Solidez
Fallão
Feichão
OS
Olhos



ENCONTRA-SE NAS CASAS DE 1º ORDEM
Exija-se o nome

Os dois irmãos

(IVAN TORREDO-NERY)

Tive uma vizão.
 Apareceram-me dous anjos, dous genios.
 Digo anjos, genios, porque serviam-lhe de veste,
 compridas e fortes azas.
 Ambos moços. Um d'elles gordo, entis fina, cabellos
 negros e anclados.
 Olhos melancolicos, semi velados por longos cilios,
 olhar incluante, alegre e avido; rosto encantador,
 quasi atrevido, quasi perverso... Labios vermelhos,
 levemente entumecidos, tremendo ás vozes.
 O joven sorrio com auctoria e indolencia, certo de seu
 poder.

Uma espessa coroa de flores enrola-se-lhe por sobre
 os esplendidos cabellos, quasi toca-lhe nas bellas e
 avelludadas sobrancelhas.

Afivelada por uma flexa de ouro, pende-lhe ligeira
 do hombro arredondado ate o elegante quadril uma
 pelle m'sequenda de linceiro.

As penas das azas tem um reflexo rosco; as extre-
 midades vivamente avermelhadas parecem embebedas
 em sangue fresco. De vez em quando as azas tremem,
 produzindo um ruido argentino, semelhante ao da chu-
 va da primavera.

O outro e magro e de corpo amar lento. A cada mo-
 vimento da respiração doentiam-se-lhe as costellas.

Tem cabellos louros, finos e corcellos; enormes
 olhos redondos, palidez cinzento, olhar inquieto, phan-
 tasticamente esclarecido. Os traços phisonomicos,
 nariz aquilino, queixo pontudo, semeado de tenue
 penugem, como que afilados; a pequena
 bocca com felnos dentes, sempre aberta.

Os labios succos nunca tiveram um sorriso,
 jámais sorriram.

Rosto regular, terrivel, implacavel...
 Em torno da cabeça do segundo embar-
 cam-se espigas murchas e desfolhadas. Um
 grosseiro tecido rodeia-lhe a cintura; as azas
 azues e sombrias movem-se lentas e aneaquar-
 doras.

Ambos parecem companheiros inseparaveis.
 Um e outro apoiam-se ao hombro do amigo;
 a mão carnuda do primeiro pende como um
 cacho de uvas sobre a clavícula esquelética
 do segundo; a mão magra do segundo com
 os compridos dedos mostra-se como nma ser-
 pente sobre o peito atumado do primeiro.

Ouvi uma voz... eis o que dizia:
 «Diante de ti estão o genio do Amor e o
 genio da fome: irmãos gemcos; os dous mo-
 tores de tudo o que vive.

«Tudo o que vive põe-se em movimento
 para nutrise e nutrese para reproduzir-se.
 «O Amor e a fome.
 «Teu fim e identico.

E' preciso que a vida não cesse; e' preciso
 que sustente-se e vá criando.

A alma

—Mãe, nem todas as crianças vão para o
 paraizo. Outro dia foi para o cemiterio um
 menino que tinha morrido; o seu papae e as
 duas irmazinhas acompanhavam o caixão, e
 choravam tanto que me fazia pena. Iam a chorar;
 aquelle menino tinha sido mau, não é
 verdade?

—Não; naturalmente foi sempre bom e sua alma,
 enquanto choravam suas irmãs, já estava viveudo no
 paraizo.
 —A alma, mamãe! não sei o que é, n'õ comprehen-
 do bem.
 —Maria, acabas de me dizer que tiveste pena de ver
 chorar as duas pequerruchas...
 Tive, sim, mamãe; tive muita pena.
 Ora, bem, que e que no teu corpo estava desconsola-
 do e triste? Eram os braços?
 —Não, mamãe.
 —Eram as orelhas?
 —Oh! não, mamãe; era «ca dentro».
 —Esse «ca dentro», Maria, e a tua alma, que se ale-
 gra ou se entristece, que te reprehende quando fazes
 o mal, e que está satisfeita quando praticas o bem.

GERARJ JENQUIRO.

A cidade Santa

Jerusalem, cidade da Palestina, Syria meridional, era
 a antiga capital da Judéa e hoje d'um districto ou san-
 tuario chamado *Kods-Nerit*. O nome arabe da po-
 voação é *Kuds*, ou *El-Kods*, a Cidade Santa. E', com
 effeito, a cidade Santa dos christãos e dos hebreus. Está
 situada a 800 metros de altitude ao SSO. de Damas-
 co, a 32 kilometros das margens do Mar Morto e a 50
 kilometros do Mediterraneo, sobre um plato de suave
 declive, ao sul, e rodeada pelos montes altos de pro-
 fundos barrancos. A cidade ergue-se no triangulo ire-

entre as portas de Damasco e de Sião; a Via
 Dolorosa, por onde se vae ao Santo Sepulchro e
 a rua Christá, que vae tambem ao Santo Sepulchro e
 que se bifurca com a rua de David. Por toda a parte,
 na cidade e arrabaldes, se veem estabeleciment-
 religiosos e escolas de catholicos, dos gregos e das seitas
 protestantes. Aquelles occupam o sitio d'um templo
 de Venus, entre as portas de Bethlem e de Da-
 masco. Igrejas, capellas e cryptas formam um dedalo
 de navees e galerias, e n'ellas tem representação to-
 das as seitas christãs, excepto as protestantes. Aos
 orthodoxos gregos pertence a nave principal onde
 existe o pilar a que chamam o centro do mundo. O re-
 cinto do Calvario está dividido em duas capellas, uma
 dos latinos e outra dos gregos; a crypta de Santa Hel-
 lena e dos christos abyssinios. Salvo uma capella later-
 al que possuem os latinos, so a pedra da Unção é
 propriedade commum.

O Santo Sepulchro, a que os arabes chamam *Kenisel-
 el-Guanel* egreda da Ressurreição, construiu-se de 326
 a 337. Destruído por Cosroes II em 614, reedificou-
 o em parte o monge Modesto, que foi depois patriarcha
 de Jerusalem. Demolido de novo em 1070 por ordem
 do sultão do Egypto, Hakem, restauram-no archite-
 ctos gregos em meados do mesmo seculo. Consta-
 va então d'uma rotunda para o Santo Sepulchro e de tres
 capellas separadas; os cruzados reninaram tudo n'uma
 so egreja, que, incendiada em parte em 1811, voltou a
 ser reedificada a expensas dos monges gregos primei-
 ro, e da Turquia, Russia e França depois. Os dous prin-
 cipaes sanctuarios são o tumulo de Christo e o Calvario.

No centro da moderna rotunda, sob uma grande ci-



CASTELLO DE LUXEMBURGO

O BAZAR DO CASTELLO EM BUDAPEST

gular formado pe-
 los valles de Josaphat e Hinnon.
 Rodeada na mon-
 tes e collinas por
 varios lados, sob-
 resando o monte
 Oliveo, o monte
 Escorjo e o Monte
 Conselho. O re-
 cinto amuralhado
 que data de 1531,
 tem 13 metros de
 altura e varias tor-
 res e baluartes.
 Entre as torres
 merece cita-se a
 de David, cuja
 parte interior pa-
 rece festa da an-
 tigua cidadella dos
 reis hebreus e cor-
 responde talvez a
 torre Hiphais ou a
 Fasael.

As principaes
 vias são as que
 conduzem desde
 a porta de Jafa a
 leste e que se cha-
 mava rua de Da-
 vid no tempo das
 cruzadas; a que
 atravessa a cida-
 de de norte a sul

pula, está o Sepulchro de Christo coberto de marmore
 branco, em forma de altar, de 2,25 metros de compri-
 do e de 0,75 de largo, rodeado de pequenos arcos e
 illuminado por lampillas de extraordinaria riqueza,
 sempre accesas. Tambem se vê ali uma larga pedra
 rodeada por uma grade, sobre a qual se diz foi em-
 balsamado o corpo do Salvador; outra em que contam se
 collocou o anjo a annunciar á Virgem a resurreição
 do seu Divino Filho, e varias capellas dedicadas a ca-
 da um dos mysterios da Paixão de Christo.

Tambem para os mussulmanos tem importancia Je-
 rusalem, sob o ponto de vista religioso; e a cidade que
 mais veneram depois de Meca e de Medina. No
 centro do *Haram-er-Norfi*, ou recinto sagrado está a
 mesquita de Omar, em cujo angulo do nordeste se vê
 a torre Antonia.

Ali esteve o templo de Salomão, a que succede-
 ram os de Nchemias e Herodes, depois um sanctuario
 consagrado a Jupiter, uma egreja dedicada a Santa
 Maria e a famosa *Kubet-es-Sarra* (cupula de rocha), ver-
 dadeiro nome da mesquita construida por Abd-el-No-
 lik, e não por Omar, em fins do seculo VII. E' um
 monumento tão singelo como elegante, grande exag-
 no, com sete janelas ogivas em cada fachada, adorna-
 das com marmores e porcelanas esmaltadas. No
 centro do edificio sobresae a famosa rocha que, segun-
 do os muslimes, é o cume do Monte Morvah, onde se
 faziam os sacrificios e donde dizem que Mafona subiu
 para o ceu. Ali tambem nasciam os quatro manan-
 cios do Paraizo.

Jerusalem é uma cidade de monges e sacerdotes,
 que vivem á custa das suas respectivas seitas. Não ha
 ali commercio nem industria, apenas existem algumas
 fabricas de sabão.

No dia 30 de outubro pela manhã, o imperador inau-

giron no asylo de orphãos nas cercanias da antiga cidade de Bethlem, dirigidos por dominos alemães. Assistiram a cerimonia a imperatriz Augusta Victoria e muitos alemães residentes na Palestina.

Challoume II foi logo depois com sua esposa ao templo evangelico de Bethlem para assistir ao serviço religioso. Logo que est terminou o imperador pronunciou uma allocucao encarecendo a necessidade de manter viva a fé christã e de preparar as doutrinas do Salvador na terra onde elle viveu e morreu pela redempcao da humanidade.

Crepusculo

Quando o sol vae tombando no Occidente.

Seus luminosos raios occultando, No espaço vae a noite descahendo, E a lua vae subindo lentamente.

Com a côr fulgurante e sercivente Vae o clarão da lua despontando; Ouve-se o rapazio além cantando, Correndo para casa alegremente.

E envoltos n'uma nuvem d'alegria, Não conversando e rindo os amovidos, No meio da mais intima harmonia.

Assim passamos o tempo deslumbrados, — Enquanto vae correndo a noite fria — Pela luz do luar crystalizados.

Rio — 98.

ANSELMO DA SILVA.

Pensamentos

A piedade, principio de toda a moralidade, toma igualmente os animos de baixo de sua protecção, enquanto nos outros systems de moral europia, tem-se para com elles tão pouca responsabilidade e respeito. A pretendida ausencia de direitos dos animaes, o prejuizo de que nossa conducta para com elles não tem importancia moral, de que não ha, como se diz, deveres para com os animaes, e uma grosseria revoltante, uma barbaria do occidente, cuja fonte reside no judaismo...

É preciso lembrar-lhes, a esses contemplados de animaes, a esses occidentales tornados judeus, que da mesma maneira que elles, os cães sugaram leite materno.

A piedade para com os animaes está tão estreitamente ligada a bondade do caracter, que se pode afirmar, sem receio, que quem é cruel para com os animaes não pode ser um bom homem.

*

Uma piedade sem limites para com todos os seres vivos e a garantia mais firme e mais segura da conducta moral, e essa não precisa de casuistica. Póde-se ficar certo de que aquelle que estiver repleto desta piedade não ferirá a pessoa alguma, não calcará os direitos dos outros, não fará mal a quem quer que seja; pelo contrario será indulgente para com todos, perdoará a todos, socorrerá na medida de suas forças e todas as suas acções terão o cunho da justiça e do amor dos homens. Então, se podem dizer: este homem é virtuoso, mas não possui a piedade, ou então é um homem injusto e mau, entretanto elle é muito compassivo.

A contradição neste caso tornar-se ha sensivel. — Todo o mundo não tem os mesmos gostos; mas eu não conheço prece mais bella que aquella pela qual se terminam as velhas peças do theatro lindi (como outrora as peças inglezas se terminavam por estas palavras: «pelo teo. Eis o sentido: «Possam todos os seres vivos ficar livres de dores!»

*

O que faz com que os pais profiram, em geral, os filhos doentes é que sua vista não deixa de solicitar a piedade.

*

A coiera, mesmo a mais legitima, se apaga immediatamente com a idea de que aquelle que nos offendeu é um desgraçado. O que a chuvia e para o fogo, a piedade e para a coiera. Em as nheio aquelles que não querem encher-se de remozos, quando pensam em vingar cruelmente uma injuria, que se imagine sob côves vivas sua vingança ja realisada, que se represente sua victima presa de sofrimentos phisicos e moraes em luta com a miseria e a necessidade, e diga a si mesmo: eis minha obra. Se alguma coisa no mundo pode extinguir a coiera e este pensamento,

SCHUPPENHAUER.

Curioso

Uma mina de carvão, na Escoccia, pegou fogo ha cerca de 50 annos.

O incendio continuou sempre lavrando desde essa época e ultimamente appareceu na superficie do solo. A mina está situada no Condado de Dulgharran.

Foi mencionada pelo fogo da minheira que então vivia nos ventiladores e, apesar de todas os esforços empregados, nunca foi possível extingui-lo. As chamas, de tempos a tempos, irrompiam na superficie do solo em forma de vulcão.

Gracias aos diques de pedra que a cercam por todos os lados, tem sido possível limitar o incendio, evitando que se propague as minas vizinhas.

O asno que falla

Sobre altas montanhas, cobertas de florestas vivia antigamente um Espirito Poderoso que se divertia em zombar dos homens e em castigar os maus, praguejando-lhes mil peccas, mas que era muito bom para as pessoas trabalhadoras. Com tudo seus bons officios tinham um ante-prazer amargo, porque, antes de empregar o seu auxilio, elle começa por metter medo, por inquietar os seus dolegados.

Um dia um pobre mercador desca para o valle, virando ao passo de objectos de valor que acabava de receber em uma fabrica para vendel-os em seguida e ir com elles com os proveitos que poderia tirar: unsos bastões, muitas garrafas que o pobre mercador encomendara; tantos cijos, tantas taças para o homem do hotel e depois de muito contar verificou que o ganho total era mais que razoavel. O negociante porém não se poz a julgar de outente, depois do calculo que fizera e pelo contrario procurou precaver-se contra alguma surpresa que lhe surgisse, em caminho.

Invisivel, o Espirito da montanha acompanhava o negociante de vidros e escutava seu monologo. Como elle pensasse em ter um ganho muito exagerado, o Espirito procurou logo um meio de lhe pegar uma peça e de lhe causar um medo qualquer. Alguns passos aante transformou-se em um velho tronco de arvore, bem cotado, até acima de um atalho rajado que convidava ao descampo. O vidraceiro, entregue com seu taboleiro desca com precavido; mas era mais difficil descer do que subir, carregando o fardo.

Foi obrigado a repousar um instante e vendo o tronco, nelle sentou-se com seu taboleiro. Logo, o Espirito mudado em tronco d'arvore, retirou-se e o vidraceiro cahiu por terra com toda sua carga que se fez em mil pedregos. Nem um só objecto ficou inteiro. Grande Deus! exclamou elle, fora de si, que horror! que perla! Que homem! Parece querer matar-se. Não podia ter em potencia de mais objectos de vidros, porque não lhe dabitou e nada lhe venham fiado na fabrica. A peccada summa que ganhara com tanto trabalho e que lhe servira para comprar a roupa estava reduzida a magalhas.

Um novo montão em um asno chegou do alto da montanha, cantando e assobando. Perguntou ao vidraceiro de donde o que lhe havia acontecido. O outro contou-lhe sua desgraça.

— Em quanto avaliaes tua perda? disse o viajante.

— Ah! em oito ou nove escudos.

Com certeza o que se queira me dá dado essa importancia, respondeu elle suspirando. — En te ajudaria de boa vontade, pobre homem, pedicoo o cavalleiro do asno; mas eu mesmo não trago dinheiro algum comigo. Sabes! La embaixo, na planicie mora um moleiro que é ao mesmo tempo um estalajadeiro. Elle não costuma tratar bem os que vão em casa delle. É a avareza, a cobiça transformadas em homem, pois seria elle quem te pagara a tua mercadoria.

— Como pôde ser que um homem tão avarento e tão misavali me dê de boa vontade o preço do que perdi? perguntou o negociante seguindo a pe o viajante e confuzido o asno pelas passagens que o caminho era muito rapido.

— Voluntariamente! De boa vontade! exclamou o viajante com um sorriso zombeteiro. Não, meu bom amigo, estou certo de que o moleiro não o fará espontaneamente; mas ha de fazelo, quer queira, quer não. Vamos vender-lhe meu asno que vale bem de dez a doze escudos; se lh'o cedermos por nove, elle fechará depressa o negocio, e ainda por cima nos dará que comer.

— Sim... sim... querido senhor; mas quer mesmo vender o seu asno em meu beneficio?

— Vendel-o! É por que não, meu rapaz? Não tenho interesse nenhum nelle e encontrarei facilmente muitos outros.

O vidraceiro não acreditou tão facilmente na felicidade em perspectiva. Pareceu-lhe inteiramente incrível que um homem seu dinheiro elle mesmo, confessava forte vender seu asno em seu proveito; mas elle ignorava que o proprietario do asno era mesmo o Espirito, a Senhor das montanhas em pessoa, que o fizera tal e que lhe deu tantos pedregos.

Em breve chegaram ao molho. O moleiro estava na porta e de alegria por ver os estranhos rios.

Via tudo com prazer o asno bem nutrido, de humil e gordo como nunca tivera antes e tal. Os hospedes pediram pão, liguia e cerveja; fallou-se disso, daquillo e o negociante contou sua desgraça. O moleiro quasi morreu de rir e: ha-se tanto que era obrigado a ter as mãos na barriga, relinda como uma bola.

O vidraceiro vendido ficou muito vermelho; mas um olhar do viajante obrigou-o a calar-se.

Quando o moleiro acabou de rir-se, o asno fez ouvir sua voz e o nosso homem entalheou uma conversação.

— Um lindo animal! E' verdade? Que idade tem? — Quatro annos. — Por quanto vendel? — Não é para vender. — Ora! eu precisava exactamente de um asno; a semana passada perdi um. — Talvez lhe tivesse dado comida de muls? perguntou o estrangeiro em tom de mofo. — Qual! Foi justamente o contrario, respondeu o moleiro prompto a fallar. — Deveras? Ah! nesse caso eu tenho medo de deixar meu asno em suas mãos! Elle está acostumado a ser tratado bem. — Oh! pois não! disse o moleiro, cahindo em si, lã quiz dizer que o meu se recusava a comer e que veio a morrer disso. Dou-lhe sete escudos, quer? — Sim? Não me faltava mais nada, disse o viajante em tom de chalaça. Um asno magnifico por sete escudos! Fora! Eu não o dava por doze!

O desejo de possuir o asno tornou-se no moleiro uma ideia fixa.

— Din oito escudos, exclamou elle, fazendo thir o dinheiro na algebrica.

— Onze! Negocio feito!

— Minha ultima palavra é dez!

Comida de graça! disse o proprietario do asno.

O moleiro coçou a orelha, quiz liguixar o preço, mas o estrangeiro permaneceu inflexivel!

O moleiro fazia questão do asno: no meio de lamentações e suspiros contou dez escudos sobre a mesa não em boas peças, mas em soldos grossos, ruy usados e azinhavrados. O estrangeiro muito alegre tomou o dinheiro, pol-o em um saquinho de couro e deu-o ao feliz companheiro, emquanto o moleiro corria a levar seu asno para a cocheira.

O vidraceiro muito admirado do presente, quiz agradecer a seu bemleitor; mas o estrangeiro lhe disse: — Não me agradeças; toma o decimo escudo pelo susto que tiveste. Agora vac a estroberia, vê o que faz o moleiro e se elle perguntar onde a que eu estou diz lhe que passei a montanha. Deus te guie!

O vidraceiro muito emocionado tomou a capa ás costas e foi para o pateo onde ja se achava o asno que fora vendido. O moleiro trouxera-lhe um pouco de feno fresco. Mas qual não foi a surpresa de ambos, quando o asno, olhando, para o feno com desprezo, exclamou:

— Meu charo senhor, eu não como capim; eu sou como assados e grelhados.

Aterrado o moleiro thitou a fugir e quasi atira por terra o vidraceiro que estava á porta.

— Quem me venites esse burro! Tenho o diabo em casa! Onde está o vendel-lo!

— Passou a montanha! respondeu o vidraceiro. E ria-se do moleiro, tanto quanto este se ria delle.

O moleiro reunio toda sua gente a quem contou o caso; nunca vira coisa tão extraordinaria, como um asno a fallar.

Todos julgaram que elle estava doito.

Remio-se todo o povo do lugar para saber do occorrido, mas quando foram a cocheira, apenas encontraram um molho de palha secca.

Quando ao vidraceiro, foi se pelos atalhos escarpados, abençoando o Espirito das montanhas e alegrando-se de todo e coração pelo prejuizo causado ao moleiro avarento e mau.

BEHSTEIN.

COLLETES
Mme. Camille Dupeyrat
113 RUA DO OUVIDOR 113
RIO DE JANEIRO
Os colletes privilegiados de Mme. Camille Dupeyrat são os melhores proprios para a moda actual, offerecem sobre os demais colletes as vantagens seguintes:
Alonga e aligeira o talhe, augmenta os selos ás pessoas pouco favorecidas; faz desaparecer a barriga, deixando, porém, os quadris e A CAIXA THORACICA completamente livres, o que permite apparelhar humemente, tendo mais a grande vantagem de ser excessivamente leve e não ter barbaes de lã que difficilite os movimentos, e recomenda-se, sobretudo, pela sua grande duracao, sendo preferido de concertos, conservando a primitiva forma até ao completo uso.
Para dar uma idea da sua superioridade, basta dizer que entre todos os fabricantes de colletes que concorrerão a grande exposicao de Chicago, foi a casa de Mme. Camille Dupeyrat que obteve a UNICA e a mais ALTA RECOMPENSA, o que muito honra a industria nacional.
DEPOSITO EM S. PAULO: Em casa de Mme. A. FERREIRA
38 Rua Direita 38

MOLDES CORTADOS
TAMANHO NATURAL
N. 4. Dita 1\$000. N. 7. Camisa 1\$500. Pelo trabalho mais 300.